

CARRAPATOS

Muito cuidado com eles

Esses ectoparasitas têm chamado a atenção não só pelos prejuízos causados aos animais, como também pela transmissão de doenças aos humanos, muitas vezes, letais

RENATO ANDREOTTI E MARCOS VALÉRIO GARCIA



Fotos: Arqueira Maltes

No Brasil, os carrapatos estão distribuídos em todas as regiões, são obrigatoriamente hematófagos e exercem diversos efeitos prejudiciais no organismo do hospedeiro, que vão desde lesão cutânea, anemia, inoculação de toxinas e, eventualmente, indução à morte. Tais efeitos variam conforme a espécie de carrapato e a área geográfica.

Esses ectoparasitas são potencialmente transmissores de agentes patogênicos e têm despertado o interesse na saúde pública por causa da participação na transmissão de doenças aos humanos, tidas como emergenciais e reemergenciais, muitas vezes, letais. Os carrapatos, quando infectados por esses agentes, possuem a capacidade de transmissão de uma fase de vida para outra, levando seus descendentes a serem reservatórios potenciais de patógenos.

Neste texto, daremos ênfase a espécies de carrapatos que acometem equinos, que normalmente são parasitados por duas delas: *Dermacentor nitens*, que prefere se fixar principalmente nas orelhas, narinas, crina e cauda, e *Amblyomma cajennense*, conhecido como carrapato-estrela, rodoleiro, micuim vermelhinho, que se distribui por todo o corpo do animal e está associado a doenças como babesioses em equinos (*Babesia. caballi* e *Theileria equi*).

O carrapato *A. cajennense*, mesmo preferindo os equinos, parasita outras espécies de animais, inclusive, os humanos. Pode sobreviver vários meses na fase de vida livre e necessita de três hospedeiros para realizar seu ciclo de vida. Dessa forma, possui a capacida-

de de disseminar agentes causadores de doenças como a Febre Maculosa Brasileira (FMB), que tem sido uma das zoonoses mais estudadas no Brasil.

A FMB se apresenta como doença infecciosa aguda, de gravidade variável; determinada por *Rickettsia rickettsii* e, pelo que se conhece até o momento, transmitida por carrapatos do gênero *Amblyomma spp.* A ecologia e a distribuição do carrapato vetor determinam os principais aspectos epidemiológicos dessa enfermidade.

FEBRE PODE SER LETAL - Pelo quadro clínico da Febre Maculosa Brasileira, podemos considerá-la uma doença que acomete vários órgãos do corpo humano, que apresenta uma evolução dos sintomas de forma variável, desde situações com sinais brandos sem manchas avermelhadas até situações que podem levar à morte.

Inicia-se geralmente de forma abrupta, com manifestações inespecíficas tais como febre, mal-estar generalizado, cefaleia, dor muscular e regiões avermelhadas. Os sinais e sintomas clínicos podem variar dependendo do tipo de comprometimento: gastrointestinal com náusea, vômito, dor abdominal, diarreia e, eventualmente, comprometimento hepático com icterícia; manifestações renais causando impacto no sistema de excreção; pulmonar com tosse e edema pulmonar.

O exantema é o sinal mais importante da febre maculosa, aparece geralmente entre o terceiro e quinto dia de doença, podendo estar ausente em 15% a 20% dos pacientes, o que dificulta e retarda o diagnóstico.

Todas as espécies de riquetsias do grupo da febre maculosa conhecidas até o momento mantêm seu ciclo de vida na natureza entre o carrapato vetor e algumas espécies de mamíferos silvestres, chamados de hospedeiros amplificadores. Dessa forma, o efeito amplificador que alguns hospedeiros silvestres desempenham deve existir para assegurar a manutenção da bactéria na natureza.

No Brasil, existem casos registrados de febre maculosa em vários estados, em especial na região Sudeste. Na região Centro-Oeste, embora existam as condições ideais para circulação do agente, somente em Mato Grosso do Sul foram identificadas bactérias do grupo da Febre Maculosa Brasileira infectando carrapatos das espécies *A. Calcaratum* e *A. nodosum*. Em ambos os casos identificou-se *Rickettsia parkeri-like*, que é patogênica para seres humanos e determina sinais clínicos mais moderados.

MEDIDAS DE CONTROLE - O controle do carrapato somente nos equinos não

Carrapato-estrela: agente causador de doenças como a febre maculosa

resolve o problema, pois outras espécies podem manter a população desta espécie. As larvas e as ninfas aparecem nos meses mais frios. Nesse período, uma série de tratamentos carrapaticidas, com base nas especificações do fabricante, a intervalos semanais, deve ser realizada nos animais (equinos e bovinos, conforme o caso) com o direcionamento para a espécie de carrapato *A. cajennense*.



A espécie *Dermacentor nitens* prefere se alinhar nas orelhas, narina, crina e cauda

Deve-se avaliar as pastagens, com relação à infestação, até que esta seja considerada baixa. Os animais precisam retornar ao mesmo pasto infestado para se reinfestarem, reduzindo a população de carrapatos nas pastagens e promovendo o tratamento carrapaticida para desinfestar os animais novamente. Nos meses mais quentes ocorre a predominância dos adultos, quando o controle pode ser realizado por catação manual ou raspamento nos equinos e realizando a queima ou tratamento com carrapaticida dos carrapatos retirados.

É importante separar bovinos de equinos e os mesmos de capivaras ou outros animais silvestres, quando possível. Cães e cavalos podem com

maior facilidade levar adultos para as instalações e, neste caso, deve ser realizada a pulverização das instalações semanalmente para o seu controle. Os cães devem ser tratados com orientação específica para a espécie.

Deve-se roçar os pastos bem próximo ao solo, para que o Sol possa aumentar a temperatura e diminuir a humidade no ambiente do carrapato reduzindo o seu tempo de vida, além de controlar o carrapato nos animais que forem introduzidos na propriedade.

CUIDADOS PESSOAIS - Para evitar as chances de contaminação pela FMB alguns cuidados devem ser tomados visando reduzir a possibilidade de picada e fixa-

ção dos carrapatos nos humanos:

- uso de roupas claras, camisa de manga comprida e botas de cano longo com a proteção de fita adesiva entre a calça e a bota;
- vistoriar o corpo e retirar os carrapatos imediatamente após terminar a atividade de campo;
- matar os carrapatos com fogo, água fervente ou álcool, e não esma-

gar entre as unhas para não correr o risco de contaminação. Para retirar os carrapatos da roupa pode ser usada fita adesiva e, em seguida, ferver as roupas antes de lavar.

Se dias após o contato com carrapatos aparecerem sintomas como gripe forte (febre, desânimo, dores no corpo), falta de apetite e/ou manchas na pele, deve-se procurar um médico imediatamente e informar sobre o contato com carrapato. É importante lembrar que as larvas e ninfas são os principais responsáveis pela transmissão da FMB. ■

Renato Andreotti é pesquisador da Embrapa Gado de Corte, de Campo Grande-MS; Marcos Valério Garcia é bolsista de pós-doutorado do CNPq.